

As
voltas
que
a vida Renato
dá Muniz

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

Os vários apelidos da chuva

Ao longo da minha vida, aprendi, principalmente com o povo da roça, que a chuva tem vários apelidos e acessórios. Significa que ela vem acompanhada de diversos adjetivos. Não é uma questão de nomenclatura apenas, mas uma questão de ser da chuva, da sua essência. Seus nomes de batismo dependem de suas características, de sua intensidade, de sua duração e de muito mais.

Não há como não prestar atenção na chuva. Raramente ela cai sem que alguém saiba. Quando ela dá o ar da graça, o ambiente se modifica, fica mais úmido, o cheiro muda — é o famoso cheirinho de terra molhada —, ela faz barulho, às vezes provoca estrondos e rugidos. Num lugar fechado dá para perceber que ela veio por causa do som das gotas batendo no telhado ou nas janelas. Só se o lugar for muito fechado, sem vidraças, para não reparar. É preciso reconhecer, com tristeza, que lugares assim existem, onde quem está dentro não tem ideia do que se passa fora. Essas pessoas, quando saem

à rua depois da chuva, logo sabem que choveu, seja pelo ar mais limpo, seja pelas poças d'água que permanecem no chão. Quando a chuva vem acompanhada de raios e trovões, fica difícil não sentir a sua presença.

Se tudo correr bem, e se a chuva vier devagar, suave, ela se chama chuva mansa, ou, carinhosamente, chuvinha mansa, miudinha. Pode durar bastante ou por apenas breves instantes. Essa chuva geralmente agrada, satisfaz até os rabugentos.

A chuva pode mudar de humor e vir na forma de chuva brava, quase uma tempestade. A culpa não é dela, mas é como se ficasse abrutalhada, ranzinza. Suas águas desagregam partículas de solo, desmoronam barrancos, derrubam casas, enchem as várzeas.

Quando ela está a fim de confusão, chega arrebatando tudo, se enfurece, vem acompanhada de muitos relâmpagos, de vento forte. Neste caso, ela virou um chuvão ou tempestade. É chuva para se temer, porque chega no rastro de muita poeira, folhas caídas, inundação nas ruas, derruba árvores, inverte guarda-chuvas, levanta a saia das moças e molha a barra das calças compridas.

A chuva que eu mais gosto é a chuva criadeira. Esse nome eu ouvia o meu avô falar. E ele falava com gosto. É a chuvinha que cai devagar, sem fazer estragos, penetra no solo, enche os rios sem arrebatando as margens. Ela cai no lombo do gado e os animais ficam quietinhos, parece até que estão dormindo. O tempo esfria e o melhor a fazer é se achegar ao fogão de lenha, sentar num banquinho e ficar só olhando pela porta. Convidar o amor para ficarem bem juntinhos ou então ir para a varanda, pegar um bom livro e ouvir a água cair, fazendo massagem no cérebro. Chove chuva!

Livros, muitos livros

Vira e mexe, alguém me pede uma sugestão de leitura. É que sabem que eu gosto de ler e que tenho uma biblioteca razoável. Não por acaso, passei boa parte da minha vida tentando estimular o gosto pela leitura, o encanto pelos livros, pelos bons livros.

O que acontece é que os livros, os de literatura, em geral, têm histórias. São elas que nos fascinam, nos atraem. Quem não gosta de uma boa história? Já perdi a conta de quantas vezes o cavalo passou arreado e eu nem vi, só por causa de uma história. Contada por alguém, seja num livro, numa roda de conversa, num folhetim, em meio digital ou na imaginação, as histórias distraem, fazem pensar, dão mais sabor à vida. Não é? Perda de tempo não foi.

Em cada fase da vida, temos preferências, necessidades, que mudam conforme a própria vida muda. Assim é com os livros. Podemos ter nossos prediletos, nossas escolhas, mas isso se altera de acordo com as variações de humor, de amor,

políticas e de saúde a que estamos submetidos. Outra coisa fundamental: sempre descobriremos novas histórias, novos autores, novos livros. Ainda bem!

Na infância, eu gostava das histórias dos irmãos Grimm, dos contos de fadas de Perrault, dos contos de Andersen — quem nunca leu ou ouviu a história do Patinho Feio? Depois, nunca mais voltei a eles. Não que tenha desgostado, é que não tive tempo. Novos autores e novas histórias exigiam minha atenção. Fui ler Monteiro Lobato, Francisco Marins e as histórias de Taquara-Póca, Lewis Carroll, “As Viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift, “Robinson Crusoé”, de Daniel Defoe, e tantos outros que encheram minha cabeça de indagações, de dúvidas, de fantasias sem fim. Eu não podia parar.

É claro que nem tudo foram acertos, errei bastante, me enganei, deixei para trás, abandonei livros no meio do caminho, alguns eu li forçado, emburrado. Aconteceram equívocos. Outros foram incríveis surpresas, paixão à primeira vista. Fui me tornando mais seletivo, mais persistente, fiz pesquisas mais consistentes, ouvi opiniões, li resenhas, acompanhei críticas e críticos. Mas nada suplanta a nossa vontade, a própria intuição. E não se chega a isso da noite para o dia. É preciso ler muito.

Tem sempre os que não gostam de livros e de leitura. Gostarão de histórias? Deixam a imaginação correr solta? Ou prendem as vontades, censuram os desejos e reprimem o prazer de ler um livro? Como professor, minhas suspeitas recaem logo em problemas oftalmológicos, neurológicos, ou talvez sejam indivíduos que se deixaram sucumbir à repressão pura e simples. Prefiro não ser tão rígido, mas é

sempre bom lembrar que, ao longo da história, verdadeiras batalhas contra os livros, contra alguns autores e contra a liberdade de escolha foram travadas, de forma desonesta e arbitrária. Isso deixa sequelas em algumas pessoas, quiçá em gerações inteiras!

E então? Ah, a sugestão. Que tal um romance policial? Memórias? Biografias? Contos? Uma grande aventura? Quer nomes e títulos? Fica para as próximas crônicas.

Se lambuzar é bom

É possível comer, ou chupar, uma manga de vários modos. Vamos experimentar?

Sente-se à mesa, pegue um garfo, uma faca, um prato e a própria fruta, é claro! Em seguida, com a faca afiada, retire a casca, corte a manga em fatias, separe o caroço e aproveite os pedaços, coma o quanto quiser.

Outra opção é ir até um pomar ou a um quintal qualquer, escolher a variedade de sua preferência e apanhar a manga escolhida. Tomara que não esteja muito alta, do contrário isso vai te exigir habilidade na arte de dar pedradas ou equilibrar varas longas de bambu até conseguir derrubar a succulenta fruta. Apanhe as mangas maduras disponíveis, junte todas e coloque-as sobre um recipiente limpo. Geralmente, as pessoas costumam apanhar mais do que dão conta de comer, não é?

Debaixo da sombra de uma árvore frondosa, delicie-se! Saiba que a bagunça será grande, nem sempre haverá um canivete disponível, um guardanapo ou um pratinho. Descasque com os

dentes, mas cuidado com as fibras. Nessas horas ninguém vai se incomodar com a bagunça e você certamente vai ficar com a boca lambuzada. Manchas amarelas vão marcar sua blusa, e, em alguns casos, o caldo pode escorrer pelo pescoço. A sensação é tão boa que muita gente diz que não tem comparação: frutas têm de ser apreciadas no pé. Jabuticaba, por exemplo. Se há um pé carregado com as famosas bolinhas pretas no ponto de comer, não tem tempo ruim. As horas passam e a gente nem percebe. Leve um balde de jabuticaba para casa e a sensação não é a mesma. Vai entender!

Agora, imagine as seguintes situações: i) a escola mandou você ler um livro; ii) aquela amiga, que vive dando bola fora, insiste para você ler um livro que ela própria não gostou de ler; iii) o colega do trabalho resolveu te presentear com um livro sem saber o tipo de leitura que te agrada etc. Você vai ler com gosto? Ora, livros, como as frutas, não devem ser degustados sempre da mesma maneira. Não é o caso de forçar a barra, de criar comparações absurdas, mas com um livro a sensação é a mesma, ou parecida. É a tal história, muita gente não vai se sentir bem se tiver de comer uma manga sem os talheres, e vice-versa.

Escolha um livro que te interessa, que te chamou a atenção por um motivo qualquer, seja por conta do autor, da capa, do assunto etc., e corra com ele até um lugar sossegado, sem ninguém para atrapalhar ou interromper sua leitura. Leia até cansar, mas volte à leitura desejando não acabar nunca, com vontade de chegar ao fim. Contraditório? Com certeza, mas por que não? A vida é assim. Com frutas ou livros, o melhor é ler e comer com vontade. Se conseguir se lambuzar, melhor ainda! É o que se chama prazer da leitura. Aproveite!

Para olhar o mundo

Eu moro numa casa razoável, nem grande nem pequena, com três quartos, um deles repleto de livros. Está cercada por outras casas, tem um pequeno jardim na frente e um quintal gramado nos fundos. De manhã cedo, assim que acordo, gosto de abrir a janela e olhar a cara do dia. Quero ver se está nublado, se está com jeito de chuva, se está frio ou se vai esquentar.

Gosto de observar sem pressa, admirando as nuvens e seus formatos curiosos, a névoa seca das manhãs de outono, os pássaros que voam longe, o movimento dos carros, o balanço das árvores, o vento. Não é nenhuma curiosidade científica, ou observação sistemática, é puro deleite, nada mais. Em relação ao clima, sou leigo, embora não descuide das fases da lua; acho que é minha obrigação saber se ela está cheia, minguante, crescente ou nova. Também faço isso por mera bisbilhotice, não pretendo cortar bambu, plantar mandioca ou iniciar alguma dieta. Meu calendário é mais burocrático e terrestre do que lunar ou lunático.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em maio de 2023.
